

Sem medo, mas sem apreço

O GLOBO

ROBERTO AMARAL

O Plano Real disse a que veio: e o ex-ministro da Fazenda foi eleito. De quebra, inova a História da República, pois, fato inédito, desde o fim do Estado Novo, um presidente elege seu sucessor. E, ainda pela primeira vez, uma eleição tem o significado de uma reeleição. Ao votar em FHC, o povo estava dizendo que tudo continuasse como agora. Esse voto conservador, aliás, se repetiria no plano das majoritárias estaduais, de Norte a Sul. Os novos governadores e senadores são atuais senadores, ex-governadores e ex-prefeitos ou ex-ministros ou quase tudo isso a um só tempo.

O eleitor desse 3 de outubro votou, para presidente, na prorrogação do atual Governo Itamar. Gato esquentado, foge das inovações, teme o desconhecido, espanca o novo, o inédito. Aposto no visto, no conhecido, no provado, no gostado. Nesse sentido, porém, Fernando Henrique é senhor e escravo da venturosa arquitetura que construiu e o construiu. Criador do plano, é seu refém, pois eleito não foi o candidato, mas a inflação em queda e que em queda haverá de continuar para que seja de brigadeiro, e só assim será, o céu da nova administração. Se não...

Uma vez mais na História o criador se vê nas peias da criatura.

O mesmo povo que rejeitou o que lhe disseram ser um salto no escuro — a síndrome Collor que atingiria Lula em pleno voo — vai montando, à sua maneira, uma nova forma de democracia-direta, depois de tantas indiretas sofridas em sucessivas frustrações eleitorais. É como se a experiência do impeachment estivesse desenhando, no imaginário e na vontade popular, a noção do voto imperativo, de que resulta um mandato restrito, com objeto claro, condicionado. Jamais como antes um voto irrecuperável, um mandato absoluto a termo certo e incorrigível. Um presidente forte mas vigiado, ao lado de um Congresso a que o voto popular devotou um quase desprezo.

Essas são questões que aguardam análise, tão importantes são elas quando a medida do papel desempenhado pelo poder econômico sem rédeas, pela manipulação das pesquisas e de seus resultados, e pelo velho vezo, renascido, da intervenção corruptora do aparelho do Estado. E, com merecido destaque, o papel dos meios de comunicação de massa, dos jornais e revistas, mas principalmente da televisão.

Tudo isso, como se vê, ensaia um ensaio. Por enquanto, nosso propósito é tão simplesmente o do derrotado que procura fazer o inventário de suas perdas, mal cessada a refrega e antes de deixar o campo da batalha. Derrotado que identificará seus erros para não repeti-los, pois seu objetivo é ganhar, e não só competir. Na política, o desgastado mote das Olimpíadas é um contra-senso, pois não faz política quem na política está preocupado em marcar posição ou faz das eleições um proces-

so de etapas no qual o etapismo é uma forma de tornar sem serventia toda eleição, que assim pode ser perdida, porque a História, o processo histórico... Este artigo é mero — mas, leal, fraterno e franco — chamamento à auto-reflexão da esquerda, das esquerdas brasileiras, o apelo a um debate amplo, aberto, sem limites — o apelo, portanto, também se dirige ao espaço dos grandes meios de comunicação com vistas à revisão de projetos e meios, de táticas e estratégias.

Se Fernando Henrique Cardoso abjurou os seus escritos — ele o nega — nós, sem dúvida, abjuramos tudo o que lemos e tudo o que foi escrito neste país e sobre este país a propósito de nossa sociedade e de nossa formação política. Porque só assim se justifica esta campanha que, como socialistas, fizemos ao lado do PT e sob o seu comando hegemônico e unilateral. Sem esperança, com medo de sermos felizes. Todos os brasilianistas legíveis, todos os intérpretes brasileiros de todos os matizes — Gilberto Freyre e Faoro, Oliveira Viana e Caio Prado, Alberto Torres e Victor Nunes Leal, Paulo Mercadante e o mestre Florestan Fernandes, para falar nos mais justamente festejados e encerrar uma lista interminável — são unânimes em assinalar

A pureza ideológica, sem medo de ser feliz, é caminho certo para a ineficácia política

o caráter hierárquico, autoritário, classista de nossa sociedade. Ora, diante de uma sociedade assim por nós todos caracterizada e reiterada, teimamos em entender que um grupo de partidos de esquerda, sabidamente minoritários no conjunto da sociedade brasileira, faria o presidente da República, enfrentando a mais poderosa e a mais larga coligação conservadora da História deste país! Nada obstante nossa fragilidade — minoritários da Câmara dos Deputados, quase ausentes do Senado, sem um só governo estadual, dispoño de algumas poucas prefeituras de capital — não soubemos praticar uma correta política de alianças e continuamos falando para a classe operária tão só, mas tão só àquela parte da classe operária que conheceu o paraíso. Como se as eleições fossem uma majestosa assembléia sindical.

De forma religiosa, ignoramos a estrutura e o preconceito larvar dessa sociedade, atrasada e antidemocrática, para acreditarmos que Lula superaria tudo isso, por encanto; fundamentalistas, demos costas às nossas próprias pesquisas, ignoramos as evidências e elegemos como metas de discussão não os temas que a realidade impunha, mas aqueles que diziam respeito ora à nossa subjetividade, ora ao clamor

da militância mobilizada em lutas autôfagas em busca de um poder inexistente. As pesquisas revelavam a aprovação (índices superiores a 80%), pela população, do Plano Real, e nós insistíamos em seu combate frontal, substantivo; a inflação (real ou artificialmente, artificialmente sem dúvida) caía no presente, e nós falávamos ao povo no abstrato de sua irremediável subida após as eleições...

Queremos crer que tudo isso vai encontrar a sua raiz numa certa visão da (ir)realidade brasileira, uma visão enquadrada e a-nacional, provinciana, que abstrai a realidade, e reduz a História a um quase nada. Para tal, a História do país e de seu povo é ignorada, como ignorada deve ser a história da luta social, a acumulação histórica das lutas trabalhistas, comunistas, socialistas. A História se faz, portanto, aos sopetões, aos saltos, deixando hiatos, buracos abertos. Assim: antes de 1974 e de São Bernardo, nada. Como se a história dos movimentos sociais contemplasse a geração espontânea...

Essa visão élitopaulista de sociedade, seja do ponto de vista liberal (liberal reacionário, vide 32), seja do ponto de vista esquerdista (os trotskistas dos anos 50, a extrema-esquerda dos anos 60, a esquerda purista e os padres católicos dos 70 e os novos sindicalistas que iriam construir o PT de hoje), sempre entendeu que revolucionária era a classe operária que hoje mora no ABCD e que só ela vai e pode nos levar ao paraíso. Para esse obreirismo especializado e discríptico, os outros são o resto, e "os outros" são as classes médias, os desempregados, os subempregados, os exilados da cidadania e os excluídos. Tudo isso, a saber, as grandes massas, é irrelevante, como irrelevantes são o centro e os liberais. Por isso, esse viés de só fazer aliança de iguais, iguais que terão de se amoldar às formas de seus prefabricados. Por isso a inapetência para as políticas de frente, a impossibilidade quase metabólica de partilhar.

Essa visão classista da sociedade brasileira, essa visão classe contra classe que permeia certa esquerda explica o cacete antipopulista, pois o populismo passa a ser sinônimo de política suja, e sujos são os que fazem alianças com os diversos. O antipopulismo não poupou sequer as lideranças reformistas e construiu o seu anátema, o moralismo, o qual, desenraizado, descontextualizado, se transformou num mero udenismo de esquerda, ou udenismo feito por esquerdistas. E uma vez mais no Brasil, aqui como em toda parte, o cantochão moralista puramente udenista abriu espaço à emergência do conservadorismo que trabalha com o primitivo das massas, ou seja, fazendo o que sempre acusamos na demagogia de direita. Tanto quanto o cantochão antiviolência ignorante da realidade, da crise social, construiu os energúmenos milito-policiais-exóticos que avançaram eleitoralmente no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Brasil.

A pureza ideológica, sem medo de ser feliz, é caminho certo para a ineficácia política, sem apreço por aqueles que mais precisam de um governo popular.

Roberto Amaral é vice-presidente do Partido Socialista Brasileiro.